

Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*

de Patricia Hill Collins

O pensamento *outsider within* das feministas negras

The *outsider within* thinking of black feminists

por Sandra Maria Cerqueira da Silva** e Silvia Pereira de Castro Casa Nova***

Uma obra muito aguardada! *Pensamento feminista negro* é daqueles livros bastante discutidos nos ambientes de estudos e de militância feministas no Brasil bem antes do acesso à tradução. A trajetória do livro de Patricia Hill Collins, guardadas as proporções, é semelhante ao percurso do famoso livro *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis, que demorou 35 anos para ter uma tradução no mercado editorial brasileiro. No entanto, este também já era fartamente conhecido no país, sobretudo no movimento negro e no seio do movimento de mulheres negras.

Apesar de não gozar da mesma visibilidade da filósofa comunista, os estudos de Collins fizeram escola entre intelectuais negras brasileiras. Para quem é pouco familiarizado/a com a autora, cabe uma breve apresentação. Patrícia Hill Collins nasceu em 1º de maio de 1948 na Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos. Na página da editora que traduziu seu livro no Brasil, lemos que Collins é “Filha única de uma

* São Paulo: Boitempo, 2019. Tradução de Jamille Pinheiro Dias.

** Doutora em Controladoria e Contabilidade. Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana-BA, Brasil. Co-Fundadora e Pesquisadora do GENERAS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero, Raça e Sexualidades. Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM da Universidade Federal da Bahia. End. eletrônico: sandracerqueira@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4738-3040>

*** Livre-docente em Educação Contábil. Professora titular do Departamento de Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil; docente do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, Brasil. Co-Fundadora e Pesquisadora do GENERAS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero, Raça e Sexualidades. End. eletrônico: silvianova@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1897-4359>

família da classe trabalhadora, com uma mãe secretária e um pai operário veterano da II Guerra Mundial. Sua formação escolar ocorreu em escolas públicas, locais em que passou por momentos de silenciamento e invisibilização” (Blog da Boitempo, 2022, s/p). Formou-se em Sociologia na Universidade de Brandeis, em 1969. Cursou mestrado na Universidade de Harvard, em 1970. Casou-se com Roger L. Collins, professor de Educação na Universidade de Cincinnati, com quem teve uma filha, Valéria L. Collins. Em 1984, concluiu seu doutorado em Sociologia na Universidade de Brandeis.

Dona de uma trajetória ativa teórica e politicamente, a intelectual é reconhecida no cenário internacional pela contribuição de suas reflexões. Leciona Sociologia na Universidade de Maryland, College Park, e ocupa o cargo de Professora Emérita *Charles Phelps Taft* de Sociologia no Departamento de Estudos Afro-Americanos, do qual foi chefe, da Universidade de Cincinnati. Presidiu o Conselho da Associação Americana de Sociologia (ASA) e, em 2008, tornou-se a 100ª presidenta desta Associação. Collins foi a primeira mulher negra afro-estadunidense a ocupar o cargo, eleita depois de 104 anos de história da organização.

Collins publicou diversos artigos em revistas especializadas, tais como: *Journal of Speculative Philosophy*, *Qualitative Sociology*, *Ethnic and Racial Studies*, *American Sociological Review*, *Signs*, *Sociological Theory*, *Social Problems* e *Black Scholar*, além de vários livros. Suas pesquisas se voltam para o feminismo e as relações de gênero, em especial na comunidade negra dos Estados Unidos. A notoriedade da estudiosa veio com a publicação do livro, cerne desta resenha, que é resultado de “uma metodologia específica que ilustra como pensamento e ação podem trabalhar juntos em benefício da produção da teoria” (Collins, 2019, p. 18). Por meio desta metodologia, foi possível ultrapassar as barreiras impostas por uma formação acadêmica formal e, sobretudo, conservadora que disseminava a ideologia de que um trabalho intelectual sério só era possível adotando uma postura de afastamento do objeto pesquisado. Trilhando seu próprio caminho e na contramão dos cânones acadêmicos, a autora adota a seguinte postura:

Em vez de pensar o cotidiano como uma influência negativa em minha teorização, tentei ver como as iniciativas e ideias cotidianas das mulheres negras que fazem parte da minha vida refletiam as questões teóricas que eu afirmava serem tão importantes para elas (Collins, 2019, p. 18).

O percurso acadêmico de Collins, atrelado à sua inserção na comunidade negra rendeu frutos que se estenderam ao que existe de mais exuberante na construção do pensamento feminista negro no Brasil. Luiza Bairros, por exemplo, em seu antológico ensaio “Nossos feminismos revisitados”, de 1995, recorreu fartamente à teoria de Collins que

[...] desvenda uma longa tradição feminista entre mulheres negras com base no pensamento daquelas que desafiaram ideias hegemônicas da elite masculina branca, expressando uma consciência sobre a intersecção de raça e classe na estruturação de gênero. Tal tradição constituiu-se em torno de cinco temas fundamentais, que caracterizariam o ponto de vista feminista negro: 1) o legado de uma história de luta, 2) a natureza interligada de raça, gênero e classe, 3) o combate aos estereótipos ou imagens de controle, 4) a atuação como mães professoras e líderes comunitárias, 5) e a política sexual (Bairros, 1995, p. 462).

Este trecho do artigo de Luiza Bairros revela a “idade” do livro de Hill Collins. Com efeito, a primeira edição em inglês, *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, data de 1990. Só muito recentemente, o mercado editorial brasileiro reconheceu que existe um público interessado por (e pagante!) de obras que em alguma medida abordam periférica ou centralmente a temática étnico-racial.

Ao contar sobre a trajetória do livro, Patricia Hill-Collins revela que o desejo de escrevê-lo nasceu da idealização de um livro que sua mãe pudesse ter lido, um livro que talvez tivesse tornado a vida dela mais fácil (p. 11), um livro que consolidasse a contribuição do pensamento das mulheres negras, um livro de mulheres negras para mulheres negras. Assim, ela nos revela: o livro teve o objetivo de documentar a existência do conhecimento coletivo, que se concretiza no pensamento feminista negro, e esboçar os seus contornos (p. 21).

A autora relata que se tornar escritora foi precedida por se entender leitora. Isso se concretiza quando sua mãe a levou a uma biblioteca pública e fez questão de que ela tivesse o seu primeiro cartão de empréstimo de livros. Como nos lembra Collins:

A minha mãe não teve muitas oportunidades na vida, mas ela me disse que, se eu aprendesse a ler, o mundo se abriria pra mim. E eu acreditei nela, aprendi a ler e comecei a ler tudo que caía nas minhas mãos. A minha lembrança é da sensação de poder que a leitura me deu.

Ao ver seu nome impresso no cartão de empréstimos da biblioteca, cria-se uma conexão com a pessoa leitora, e portanto, autônoma em seu aprendizado, que pauta seus interesses. No entanto, essa conexão foi ofuscada pelo fato de que muitos livros que ela lia não traziam temas de seu interesse e tampouco refletiam a vivência, a consciência e o conhecimento de mulheres negras, como ela e sua mãe. Isso reforçou a ideia de escrever um livro dedicado a essas mulheres, refletindo a riqueza e a força de seu pensamento.

O livro já nasceu destinado a ser um clássico. Ganhou o prêmio *Jessie Bernard* da American Sociological Association, pelos significativos estudos em gênero, e recebeu o prêmio *C. Wright Mills* da Sociedade para o Estudo de Problemas Sociais. Um sucesso de vendas, o livro alcançou a sua décima edição revista em 2000; e em 2009 foi traduzido para coreano. A presente edição brasileira recorreu às duas últimas versões (2000 e 2009) em idioma original inglês. Com 495 páginas, a obra chegou às livrarias do Brasil em 2019. Com tradução de Jamille Pinheiro Dias, *Pensamento Feminista Negro* se junta a uma práxis política e ativista do mesmo porte da escrita de Angela Davis, Alice Walker, bell hooks, Audre Lorde e tantas outras mulheres negras e feministas, incluindo as brasileiras militantes do feminismo negro e/ou estudiosas das relações étnico-raciais.

Nesta edição brasileira, Patrícia Hill Collins aponta para o quão profícuo tem sido os diálogos que emergem dos feminismos negros globais. Ela afirma que “as conexões cada vez mais visíveis entre o feminismo brasileiro e o pensamento feminista negro dos Estados Unidos, ilustram os possíveis benefícios de um feminismo negro transnacional” (p. 13). A autora também ressalta a importância da ação e da resistência de mulheres negras brasileiras, intelectuais e/ou militantes das mais variadas áreas do saber, quais sejam: Beatriz Nascimento, Benedita da Silva, Carolina Maria de Jesus, Clementina de Jesus, Conceição Evaristo, Creuza Oliveira, Deise Benedito, Joana Camandaroba, Jovelina Pérola Negra, Laudelina de Campos Mello, Lélia Gonzalez, Lenira Carvalho, Luiza Bairros, Neusa Santos Souza, Sueli Carneiro, Valdecir Nascimento, Thereza Santos e muitas outras. Mulheres que têm denunciado o racismo institucional, o sexismo e a desigualdade social presentes nas diretrizes hegemônicas da produção de conhecimento nacional.

A obra incorpora fontes que vão da ficção à história oral, passando pela poesia e pela música. Collins parte das experiências específicas das mulheres negras para examinar a interseção de sistemas de opressão aos quais elas estão expostas. Esta lente, aliás, tem potencial também para analisar outros sujeitos e grupos sociais não hegemônicos. A autora relata como as mulheres negras, para agir em função da justiça social, necessitam se autodefinir. Ou seja, se descolarem das “imagens de controle”, que aprisionam as mulheres negras, simbólica e materialmente, em posições sociais subalternizantes¹.

O livro está estruturado em três partes e uma de suas principais contribuições são as discussões e os referenciais investigativos como ferramenta analítica da interseccionalidade. Collins utiliza este conceito que, aliás, foi forjado por feministas negras, para tratar da sobreposição simultânea de múltiplas formas de opressões interrelacionadas de raça, classe, gênero, sexualidade e nação, as quais estruturam um sistema de poder sobrepondo desigualdades mutuamente implicadas.

¹ Winnie Bueno (2020) analisa a produção de Collins sobre as imagens de controle e trata das dimensões de luta das mulheres negras frente à necessidade de se impor diante destas imagens no desafio de forjar e promover a própria autodefinição.

Na primeira parte, a autora se dedica a examinar a construção social do pensamento feminista negro, tendo como fio condutor a análise da política do pensamento negro e o estudo das características distintivas do pensamento feminista negro. Collins aborda o doloroso processo de intelectuais negras em reunir ideias e realizações de outras mulheres negras, produções que, em seguida, foram ‘descartadas’. Esse levantamento, que tem sido feito ao longo do tempo, soma-se aos fragmentos que foram deixados de pensadoras como Maria Stewart ou Zoara Neale Hurston.

Esse trabalho de arqueologia do conhecimento atende ao chamamento de Alice Walker de que “um povo não descarta seus gênios [...] e se vier a descartá-los, é nosso dever, como artistas, acadêmicas e pessoas que dão testemunho ao futuro, recuperá-los para o bem de nossas filhas e filhos [...], osso por osso, se for preciso” (Walker, 1983, p. 92).

O levantamento feito até agora, segundo Collins, originou a descoberta das bases analíticas cruciais nas quais intelectuais negras encontraram meios para que outras mulheres negras pudessem se reconhecer, ao constituir visões diferentes do eu, da comunidade e da sociedade. A autora ainda chama a atenção para a extensão desse processo de invisibilização das mulheres negras que produzem conhecimento em outras partes do mundo, para além dos Estados Unidos, como África, Caribe, América do Sul e Europa².

A autora aponta que, apesar das dificuldades e da energia considerável despendida para nomear o conhecimento produzido pelas mulheres negras, as tensões persistem, além dos desafios advindos de climas políticos que são alterados continuamente, e apensados novos obstáculos. Daí a necessidade de que os feminismos negros reúnam características distintivas do pensamento feminista negro, de serem dinâmicos, manter práticas dialógicas, e, de estarem ancorados na Teoria Social Crítica.

Collins enfatiza que, devido ao fato das palavras e ações diferirem entre as intelectuais negras, isto faz com que se endereçam a públicos diferentes. O que corrobora para o compromisso com o empoderamento das mulheres negras em contextos de justiça social, enquanto promovem a questão similar da unidade de toda a vida humana (p. 95).

A autora continua honrando e recuperando o trabalho de produção de ideias por mulheres negras ao questionar ou ressignificar o termo “intelectuais” para abranger pessoas atuando na música, na política comunitária, na educação, artistas e ativistas e, até mesmo, na academia, aonde enfrentaram o dilema de aceitar e, ao mesmo tempo, questionar as normas estabelecidas, uma vez que foram constituídas em concepções de inferioridade de negros e de mulheres. Neste último ambiente,

² Por isso que iniciativas como a do selo Sueli Carneiro, e do próprio Geledés – Instituto da Mulher Negra, que tem dado vazão ao conhecimento construído por intelectuais negros e negras brasileiras.

Collins nos remete ao processo de “ajustar o tom da crítica sem arriscar indevidamente a própria carreira” como um novo desafio que as mulheres negras acadêmicas enfrentam. Esse desafio nos conduz ao chamamento da obediência como uma estratégia de resistência, apontado por Silvio de Almeida (2019), ou da cumplicidade subversiva, como reivindicado por Ramón Grosfoguel (1996), em que a exploração de brechas e fissuras também é parte de uma estratégia mais ampla de re(x/s)istência. É a esse amplo projeto de construção coletiva do conhecimento que Collins atribui o nome de pensamento feminista negro, e no desvelamento do qual apoia o objetivo do livro.

No capítulo seguinte, Collins trata das características distintivas do pensamento feminista negro estadunidense, que “engloba significados diversos e muitas vezes contraditórios”, ao lado de termos para designar esse pensamento, como afrocentrismo ou mesmo feminismo, e negro, que acabam, ao longo do tempo, ganhando significados pejorativos ou sendo contestados pela academia ou pelos intelectuais (p. 61). Para fugir dessas dissensões, a autora, mais do que nomear, procura descrever suas seis características distintivas, e que podem ser compartilhadas com conjuntos de conhecimentos, que são: (i) resistir às opressões interseccionais, explorando vínculos entre o pessoal e o coletivo, e entre o pensar e o fazer; (ii) remete à tensão que vincula experiência e ideias, ou seja, ao enfrentamento de desafios comuns a partir de vivências únicas e distintas, consolidando-se no ponto de vista comum (ou *standpoint*); (iii) explora a interconexão entre as experiências das mulheres negras estadunidenses como coletividade heterogênea e qualquer ponto de vista associado a ela, em uma relação dialógica, pontos de vistas esses que, se não suprimidos, podem fomentar a resistência; (iv) relaciona-se com as contribuições essenciais das intelectuais afro-estadunidenses, ou seja, elas têm mantido uma relação singular com a comunidade mais ampla, que fez com que o pensamento feminista negro se tornasse uma teoria social crítica, unindo portanto pensamento abstrato e ação pragmática; (v) mantém a importância da mudança como central, pois o pensamento feminista negro opera efetivamente dentro do feminismo negro como projeto de justiça social, devendo, para isso, manter-se dinâmico; e, finalmente, (vi) sua derradeira característica diz respeito à sua relação com outros projetos de justiça social, ou seja, como parte de uma luta mais ampla pela dignidade humana.

Em seguida, na segunda parte do livro, Collins desloca sua investigação para os temas centrais do pensamento feminista negro: trabalho, família e opressão das mulheres negras; *Mammies*, matriarcas e outras imagens de controle; poder da autodefinição; política sexual para mulheres negras; relações afetivas das mulheres negras; mulheres negras e maternidade, repensando o ativismo das mulheres negras.

No capítulo em que trata da política sexual para mulheres negras, Collins traz elementos para a reflexão sobre o silenciamento em torno da situação de inúmeras mulheres negras, senão todas – considerando a ancestralidade. Trata da falta de acesso a posições de poder e sobre as percepções em torno da sexualidade

das mulheres negras, que é ou ignorada ou exacerbada. Para os grupos dominantes as mulheres negras representam a personificação do sexo. Ela destaca o quão são desprovidas de voz e despercebidas. Aborda, também, o persistente silêncio das afro-americanas em torno da própria sexualidade.

Ainda neste capítulo, a autora (p. 223) apresenta elementos para alimentar a reflexão sobre a sexualidade de mulheres negras, dentro das relações estruturais de poder. Aponta como tipos de argumentos socioconstrucionistas diferentes, em contextos diversos, para pensadoras feministas negras e lésbicas negras, dentro de uma matriz de dominação historicamente específica é caracterizada por opressões interseccionais. Assim, examina as contribuições das Teorias Feministas Lésbicas para a reconceitualização da sexualidade das mulheres negras e relações de poder. Neste sentido, Lorde (s./d.) uma mulher negra que se descrevia como “lésbica, mãe, guerreira, poeta”, recorria à poesia para enviar mensagens a outras mulheres negras, com o objetivo principal de inspirar e encorajar outras mulheres negras e lésbicas a se sentirem confortáveis em sua própria pele.

Ainda neste capítulo, Hill Collins traz uma discussão sobre mais um sacrifício realizado pelas mulheres negras: o da condição de seu eu, como mulheres, em detrimento da plena humanidade, feito em favor da raça. O que envolve discussões sobre assédio sexual, estupro, incesto e misoginia atribuída aos homens negros (p. 219). E aponta como o estupro, enquanto forma de violência sexual específica, está enraizado em opressões interseccionais de raça, gênero e classe (p. 224-225).

A socióloga (p. 226) aborda a sexualidade das mulheres negras dentro dos pressupostos da heterossexualidade normalizada. Registra que estes pressupostos estão divididos em duas categorias de sexualidade: a “normal” e a “desviante”, pela qual o ser branco marca como “normal” a da heterossexualidade; e a sexualidade africana ou negra é constituída ou considerada como anormal ou patologizada da heterossexualidade, em parte, em função do mito da hipersexualidade negra. A homossexualidade seria a segunda categoria importante da sexualidade “desviante”. Ela detalha como todos os sistemas de opressão tiram proveito do poder do erótico, o que ocorre, sobretudo, com os processos colonizadores. Pereira (2019) trata de uma das faces da dominação colonial, referindo à trama erótica no comportamento de homens brancos, os quais, nas colônias, se envolviam com as mulheres e meninas dos povos colonizados e escravizados, quase sempre, em regimes de ilegitimidade, através de estupros, concubinatos e prostituição. A autora registra que esta corresponde a uma “marca de um acentuado grau de hierarquia e da violência material e simbólica, com impactos que se estenderam aos processos de constituição das subjetividades de colonizadores/as e colonizados/as, senhores/as e escravos/as” (Pereira, 2019, p. 15). Essas circunstâncias violentas foram também tratadas por Gonzalez (1982; 1988) e por Fanon (2008).

Collins menciona, então, a sexualidade da mulher negra como um cimento conceitual que une as opressões interseccionais. Para analisar este ponto é preciso olhar para as experiências como pornografia, prostituição e o estupro. Neste sentido, é preciso criar continuamente mecanismos de controle/regulação do corpo de pessoas negras e, particularmente, das mulheres negras, consideradas jezebéis imorais e promíscuas.

No capítulo seguinte, olhando para as relações afetivas das mulheres negras, a autora aborda os mecanismos utilizados por sistemas de dominação, como a escravidão, para se apropriar da força dos grupos subordinados. Este foi o caso, por exemplo, de colonizadores, que ao impedir escravizadas de amar seus filhos, conseguiam transformar a energia roubada das crias, para seus próprios fins. A lógica é a de frustrar o poder como energia disponível aos grupos subordinados (p. 255; 258). Para ela, há um poder que emerge de “um grande amor”, que está em completo desacordo com as epistemologias ocidentais, pelas quais emoção e racionalidade funcionam como fenômenos distintos e concorrentes. E menciona Lorde para demonstrar como a força do erótico, na escrita da poeta feminista negra provocam às pessoas a ação que constituem fontes significativas de poder (p. 256). Pacheco (2008) pesquisa sobre os mecanismos de exclusão, históricos e sociais, que afastaram/impedem as mulheres negras dos ideais de afetividade e de relação amorosa, almejados socialmente. A cientista social, no entanto, não as apresenta como vítimas. Ao contrário, aponta as mulheres negras em seus perfis quase sempre apagados, como militantes, trabalhadoras, intelectuais. Diz de como a agência destas mulheres constituem signos de libertação e questionamento de valores morais impostos e vigentes. Com isto, descola a imagem destas mulheres negras brasileiras do “ideal de submissão”, como o quer alguns 'feminismos' descontextualizados, os quais, conforme Pacheco (2008, p. 301), insistem em negar as diversas experiências (sociais e afetivas) dos sujeitos e de seus corpos, que nem sempre são ‘brancos de classe média e heterossexual’.

Esse capítulo aborda, também, a trágica solidão que as mulheres negras enfrentam constantemente por causa dos julgamentos alheios. Pacheco (2008) inscreve a solidão da mulher negra como uma categoria política. A pesquisadora faz tal escolha para analisar a solidão da mulher negra como inerente das conformações histórico-cultural e social de uma sociedade profundamente marcada por racismo, preconceito e desigualdades, como a sociedade brasileira. Para a autora, a afetividade funciona como um campo em que estas relações de dominação ganham contornos mais densos. E, como, ao se auto-definirem, as mulheres negras conseguem transformar a solidão no maior signo de sua insubordinação, poder e liberdade. Quanto às experiências das afro-estadunidenses com a pornografia, Collins afirma que a prostituição e o estupro – semelhante ao que ocorre com as mulheres negras no Brasil – funcionam como poder erótico e são transformados em mercadoria e explorado pelas instituições sociais.

No capítulo 8 são abordadas as mulheres negras e a maternidade. A autora recupera a informação de que até o “florescimento do feminismo negro”, na década de 1970, as investigações quanto à maternidade negra eram dominadas por homens e, portanto, as perspectivas destes sobre as mães negras prevaleciam. No olhar destes homens – tanto brancos como negros – as mães negras não disciplinavam suas filhas e filhos, eram apontadas como castradoras dos filhos homens, de não atuarem para que as filhas fossem mais femininas e de retardar as conquistas acadêmicas de seus filhos. Enquanto resultantes destas ditas inações, as pesquisas acadêmicas afirmavam que as mães afro-estadunidenses exerciam poder anormal sobre as estruturas familiares e que, em função disto, muitas dessas estruturas estavam deterioradas.

Collins (p. 292) registra que trabalhos feministas que estavam voltados para avaliar a maternidade, entre as décadas de 1970 e 1980, produziram críticas tímidas desta visão, até por refletirem a visão de mulheres brancas de classe média, e por não atentarem para questões de raça e classe. Os olhares sobre a maternidade negra a partir das comunidades afro-estadunidenses eram diferentes. Para ela, o conceito de maternidade é central para as filosofias dos afrodescendentes. Tanto que, para algumas comunidades, mães deveriam viver em devoção, amor incondicional e, visão que passava a ser norma. Estas perspectivas reforçam a imagem da “mãe negra superforte”, o que funciona como “elogio à resiliência das mães negras em uma sociedade que frequentemente as retrata como mães ruins” (p. 293). Collins afirma que é preciso realizar uma análise revitalizada sobre a maternidade, com análises que desconstruam as imagens, tanto da “escrava feliz”, que tem origem nas ideias matriarcais criadas pelos homens brancos, como na imagem de “mãe negra superforte”, perpetuada pelos homens negros. Ainda sobre a maternidade, independentemente de ser de sangue, de criação ou da comunidade, ela pode ser reclamada enquanto símbolo de poder pelas afro-estadunidenses engajadas no trabalho comunitário de mulheres negras. Assim, mesmo com os custos e enfrentando diferentes obstáculos, a maternidade segue funcionando como símbolo de esperança para muitas mulheres negras e, em especial, para as mais pobres. Mesmo que sejam obrigadas a abrir mão de desenvolver suas habilidades ao máximo (p. 326).

No capítulo 9, repensando o ativismo das mulheres negras, a autora detalha como a autodefinição, a autovalorização, bem como o movimento em busca de autonomia definem a visão de mundo de mulheres negras, assim como as crenças, originadas nas lutas pela sobrevivência. A dominação abrange domínios de poder estrutural, disciplinar, hegemônico e interpessoal, diante dos quais as mulheres negras têm de desenvolver força e resistência. Desta forma, conseguem fazer frente às dificuldades e desesperos característicos da resistência das mulheres negras diante das opressões multifacetadas. Assim, para que seja possível compreender a complexidade do ativismo das mulheres negras, é preciso ampliar o espectro para abordar mais de uma forma de opressão e, também, a maneira pelas quais as formas

múltiplas e singulares de opressão se organizam (p. 332). Seja de forma individual, seja através de grupos organizados, as mulheres negras afro-estadunidenses desenvolvem o ativismo em duas dimensões: luta pela sobrevivência do grupo e luta pela transformação institucional. No âmbito familiar, o ativismo das mulheres negras se conjuga como mães de criação da comunidade. As afro-estadunidenses, para Collins, trabalharam para estabelecer esferas de influência, autoridade e poder singular que formatam uma visão de mundo apartado do estabelecido pelos grupos dominantes.

Collins abre a terceira parte do livro falando sobre feminismo negro, conhecimento e poder. Enfatiza que, nos Estados Unidos, raça, classe, gênero e sexualidade constituem sistemas de opressão que se constroem mutuamente, e trata de como isso estrutura duas contribuições importantes para compreender a produção de conhecimento e o empoderamento.

No capítulo 10, ao analisar o feminismo negro estadunidense em contexto transnacional, a autora ressalta que, apesar das fronteiras que separam as afrodescendentes, suas experiências revelam semelhanças marcantes, dada a persistência do legado do colonialismo. Ou seja, dos preconceitos raciais/étnicos, sexistas e classistas que resultam no que chamou de “*apartheid global de gênero*”, materializado em um sistema econômico que se caracteriza pela exploração do trabalho das mulheres “de cor” por todo o mundo.

A autora se aproxima do final da obra, no capítulo 11, se posicionando quanto à epistemologia feminista negra. Quanto a este aspecto, rastrear a origem e a difusão do conhecimento revela afinidades com o poder do grupo que o criou, bem como nos alerta sobre o funcionamento de sistemas que mantêm os homens brancos de elite controlando as estruturas ocidentais de validação do conhecimento, dos temas, dos paradigmas e das epistemologias da pesquisa acadêmica tradicional, que são permeadas por seus interesses. A autora denuncia que as credenciais acadêmicas conquistadas por mulheres negras que buscam exercer a autonomia concedida por seu *status* para propor reivindicações de conhecimento, como o feminista negro, são pressionadas a usarem essa autoridade para legitimar um sistema que desvaloriza e exclui a maioria das mulheres negras. Collins revela que a existência de um ponto de vista autodefinido pelas mulheres negras, de epistemologia feminista negra, tensiona o conteúdo reconhecido como ‘verdade’ e os caminhos que orientam a essa ‘verdade’.

Por fim, no capítulo 12, ao provocar reflexões sobre políticas de empoderamento (p. 433), inicia um diálogo com Sueli Carneiro, que aponta a necessidade das mulheres negras trabalhem muito para questionar as injustiças sociais. Neste sentido, é preciso conduzir projetos amplos de justiça social orientados pelos feminismos, considerando a diáspora negra. Collins aborda o esforço das mulheres negras estadunidenses para lidar com os efeitos da dominação na vida cotidiana, o que ocorre, também, com as mulheres negras por todo o

mundo. A autora percebe duas abordagens principais de poder: a dialética que conecta opressão e ativismo, pela qual grupos com mais poder oprimem grupos com menos poder, o que impõe a necessidade do ativismo. A segunda maneira de abordar o poder é considerada como não inerente aos grupos, mas a uma entidade intangível que circula em uma matriz particular de dominação. Essas duas maneiras de abordar o poder se conectam com usos importantes do conhecimento. São perspectivas parciais e diferentes para o empoderamento.

Collins oferece uma leitura de mundo a partir das experiências das mulheres negras estadunidenses. No entanto, conforme mencionado, as experiências das mulheres negras na diáspora se assemelham. Assim, sua obra permite um olhar sobre a condição das mulheres negras brasileiras, seus desafios e formas particulares de ativismo. Empoderar as mulheres negras implica em revitalizar o feminismo negro enquanto projeto de justiça social.

São muitas as reflexões que o livro nos permite fazer com vistas a romper com as matrizes de dominação. Neste sentido, ao tratar da política sexual, a autora problematiza o silenciamento a que foram submetidas inúmeras (se não todas as) mulheres negras, considerando, inclusive, nossas ancestrais. O feminismo negro, a partir das experiências distintas das mulheres negras, possibilitou a construção de uma epistemologia feminista negra. A esperança de Collins é também a nossa e de tantas outras mulheres negras que, irmanadas em nossa *dororidade*³, almejamos, acima de tudo, “que mais pessoas, outrora e ainda silenciadas, encontrem sua própria voz. Eu [nós], pelo menos, quero [queremos] ouvir o que elas têm a dizer” (p. 19).

Como pesquisadoras da área de organizações, na vertente da contabilidade crítica, cabe-nos apontar, por fim, como a perspectiva oferecida por Patricia Hill Collins pode ser mobilizada para denunciar opressões e possibilitar a construção de uma contra-contabilidade. O pensamento feminista negro começa a influenciar os estudos organizacionais ao reivindicar que todos os conhecimentos sejam valorizados (Silva, 2019), ao denunciar em uma contra-contabilidade midiática o genocídio durante a pandemia (Lima *et al.*, 2022) e ao confrontar a participação política das mulheres negras com o mito da democracia racial brasileira (Silva *et al.*, 2016). Mais uma lacuna dos estudos interseccionais que merece atenção são os que se dediquem às análises de classe social. Assim, a contabilidade que legitima a reprodução do *status quo*, poderia se dedicar à análise das distorções que esse sistema (re)produz, e assim, quem sabe, se valer do poder de ocupar o lugar social de *outsider within*.

³ Conceito cunhado por Vilma Piedade (2017) para se referir à *dor* comum das mulheres negras causada pelo racismo. Esta dor pode se transformar em potência e ser a alavanca para a construção de uma sociedade livre do racismo, da violência patriarcal e da exploração de classe.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019..
- BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.
- BLOG da Boitempo. *Quem é Patricia Hill Collins?* 10 mar. 2022. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2022/03/10/quem-e-patricia-hill-collins/>. Acesso em: 02 ago. 2022.
- BUENO, Winnie. *Imagens de Controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Editora: Zouk, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. *A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica*. In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 89-106.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.
- GROSFOGUEL, Ramón. From Cepalismo to neoliberalism: A world-systems approach to conceptual shifts in Latin America. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. XIX, n. 2, p. 131-154, 1996.
- LIMA, João Paulo *et al.* “É só uma gripezinha”? Produzindo um contra-relato midiático das crises discursivas sobre a COVID-19 no Brasil. In: *Accounting Forum*. Routledge, 2022 [no prelo].
- LORDE, Audre. *Audre Lorde*. Poetry Foundation. s./d. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poets/audre-lorde>. Acesso em: 18 out. 2022.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. *Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: editora Nós, 2017.
- SILVA, Sandra Maria Cerqueira. Nenhum Saber a Menos! *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 120-124, 2019.

SILVA, Sandra Maria Cerqueira; NOVA, Silvia Pereira de Castro Casa; CARTER, David B. Brazil, Racial Democracy? The Plight of Afro-descendent Women in Political Spaces. In: *Accounting in Conflict: Globalization, Gender, Race and Class*. Emerald Group Publishing Limited, 2016. p. 29-55.

UNIVERSIDADE DE MARYLAND. *Patricia Hill Collins* – Distinguished University Professor Emerita. Disponível em: <https://socy.umd.edu/facultyprofile/collins/patricia-hill>. Acesso em 15 out. 2022.

WALKER, Alice. *In Search of our Mother's Garden*. Nova York: Harcourt Brace Janovich, 1983.